

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

LUIZ CARLOS DA SILVA FILHO

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE À LUZ DO SALMO 73

Canoas

2009

LUIZ CARLOS DA SILVA FILHO

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE À LUZ DO SALMO 73

Trabalho de Conclusão de Curso
Monografia de Bacharelado
Obtenção do grau Bacharel em Teologia
Universidade Luterana do Brasil
Curso de Teologia

Orientador: Acir Raymann

Canoas
2009

LUIZ CARLOS DA SILVA FILHO

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE À LUZ DO SALMO 73

A presente monografia, foi examinada e julgada aprovada pela Banca Examinadora em cumprimento ao Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Teologia, para obtenção do grau de Bacharel em Teologia, na Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Acir Raymann - Orientador

Prof. Ms. Gustavo Eugênio Hasse Becker - Argüidor

Aprovado em 17 de Junho de 2009.

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial a minha esposa Jussara Rodrigues da Silva, que confiou e que Deus lhe deu forças e sabedoria, juntamente com os filhos, que me apoiaram e estiveram juntos nesta caminhada.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que se faz presente em minha vida, que me dá forças, coragem e capacita, a fim de abençoar e ser instrumento de bênção para outras pessoas, como mensageiro das Sagradas Escrituras.

Agradeço a todo corpo docente e funcionários da Universidade Luterana do Brasil, que de alguma forma fizeram e fazem parte desta caminhada.

Ao Dr. Acir Raymann, professor e orientador, que também faz parte deste projeto.

RESUMO

A pesquisa inicia com estudo hermenêutico do Salmo 73 e posteriormente aponta um breve histórico e alguns aspectos da Teologia da Prosperidade. Este trabalho visa conceituar os aspectos gerais do Salmo 73 e sua praticidade nos tempos atuais principalmente pelo uso acentuado da mídia, e que tem dado muita ênfase à Teologia da Prosperidade através dos púlpitos, publicações, ministérios, meios de comunicação, com mensagens de vida plenamente abençoadas em todos os sentidos, resultando no descrédito das próprias igrejas.

Palavras-chave:

Prosperidade – Palavra da Fé – Movimento da Fé – Confissão Positiva
Sacerdócio Real

ABSTRACT

The research begins with the hermeneutic study of Psalm 73 and then presents a brief history and some aspects of the Theology of Prosperity. This paper aims to conceptualize the general aspects of Psalm 73 and its practicality in the present time especially marked by the use of media, which has given much emphasis on the theology of Prosperity through the pulpits, publications, ministries, media, with messages of life fully blessed in every way, resulting in the discrediting of his churches.

Keywords:

Prosperity - Word of Faith - Faith in Motion - Positive Confession
Royal Priesthood

SUMÁRIO

SUMÁRIO	07
INTRODUÇÃO	08
1. SACERDOTES E LEVITAS	09
2. SALMO DE ASAFE	11
2.1 ASAFE	11
2.2 SALMO 73	11
2.2.1 Autoria	11
2.2.2 Estrutura	12
2.2.3 Análise Estrutural	12
2.2.3.1 Introdução	13
2.2.3.2 Vida feliz dos ímpios	13
2.2.3.3 Vida infeliz do salmista	16
2.2.3.4 Destino infeliz dos ímpios	17
2.2.3.5 Destino feliz do salmista	19
2.2.3.6 Conclusão	20
3. O REINO E A IGREJA	21
4. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	24
4.1 CONCEITO DE TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	24
4.2 HISTÓRICO DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	25
4.2.1 Teologia da Prosperidade no Brasil	26
4.2.1.1 Teologia da Prosperidade e Capitalismo	27
4.2.1.2 Teologia da Prosperidade e as Técnicas de Persuasão em Massa	28
5. PROSPERIDADE E AS SAGRADAS ESCRITURAS	31
CONCLUSÃO	35
OBRAS CONSULTADAS	36

INTRODUÇÃO

Percebe-se que o sofrimento dos santos e a prosperidade dos injustos é uma questão que é abordada na Palavra de Deus.

No Brasil cada vez mais cresce o número de novas igrejas, principalmente as que se denominam pentecostais e neopentecostais.

Na mesma proporção em que cresce o número de igrejas, crescem também as “teologias” diferenciadas e que vêm influenciando inclusive as igrejas denominadas históricas.

Nos tempos atuais, principalmente pelo uso acentuado da mídia, tem sido dada muita ênfase à Teologia da Prosperidade, com mensagens de vida plenamente abençoada em todos os sentidos. O próprio Cristo Jesus, conforme o Evangelho Segundo Mateus 12.38-40, alerta para a presença da mentalidade dos fariseus, que pedem por todo tipo de sinal.

Este trabalho tem como propósito analisar a Teologia da Prosperidade e sua influência na vida das pessoas e do anseio do ser humano em buscar a felicidade onde esta teologia oferece a materialização dos seus desejos. Este trabalho tem como propósito analisar a Teologia da Prosperidade à Luz do Salmo 73.

Primeiramente, a metodologia usada inicia com estudo histórico seguido do estudo hermenêutico do Salmo 73 à luz das Sagradas Escrituras. Segue com a relação Reino de Deus e a Igreja no Novo Testamento. Num terceiro momento, apresenta um histórico da Teologia da Prosperidade, sua manifestação no Brasil e alguns pontos que norteiam seus ensinamentos.

Conclui com uma análise comparativa da Teologia da Prosperidade com o Salmo 73 à Luz das Sagradas Escrituras.

1. SACERDOTES E LEVITAS

No Antigo Testamento, os sacerdotes e os levitas preenchiam várias tarefas religiosas e tinham muito em comum com os sacerdotes de hoje. Os sacerdotes e os levitas eram homens profissionais que eram pagos pelo seu trabalho religioso em tempo integral. Eles lideravam serviços religiosos e ajudavam o povo israelita a relacionar-se com Deus.

Em tempos atuais, a palavra “sacerdote” é usada para uma pessoa que lidera uma igreja e é usada também quando falamos de todos os cristãos. O apóstolo Pedro escreveu que a igreja é um “sacerdócio real” (1Pe 2.9).

As pessoas não decidiam se tornar sacerdotes, e sim pela virtude da descendência sacerdotal. Os primeiros sacerdotes foram os quatro filhos de Arão: Nadabe, Abiú (Lv 10.1-2) Eleazar e Itamar, ao mesmo tempo em que Arão foi ordenado sumo sacerdote (Êx 28.1-2). Depois que os sacerdotes faleciam, seu trabalho era passado para seus filhos.

Deus queria que todos os sacerdotes fossem santos, então deu a eles leis e tarefas específicas (Lv 21.1-24). Os sacerdotes, juntamente com os outros levitas, não possuíam nenhuma terra como as outras tribos. O seu trabalho era completamente dedicado a servir a Deus. No entanto, por não possuírem nenhuma terra para plantar e tirar o seu sustento, a lei de Deus decretava que todos os israelitas tinham que sustentar os levitas pelos seus serviços.

Os “Levitas” são todos os descendentes de Leví, incluindo os sacerdotes. Todos os sacerdotes eram levitas; mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Como os sacerdotes, os levitas serviam no Tabernáculo e eram subordinados aos sacerdotes. Os levitas eram divididos em três famílias: Coatitos, Gersonitas e Meraritas. Cada uma destas famílias tinha uma responsabilidade em particular envolvendo o cuidado e o transporte do Tabernáculo (Nm 4.1-49).

Walter Kaiser ¹ salienta que o mais importante é que a tribo de Levi devia servir como um substituto de todos os primogênitos do sexo masculino em Israel (Nm 3.11-13). E que desta maneira as Escrituras resistem àquela dedução por

¹ Levita. In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. HARRIS, R. Laird. (Ed.); ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Trad.: Márcio L. Redondo. Luiz A. T. Sayão. Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo, 2005. p.780.

analogia, segundo a qual sacrifícios humanos seriam necessários, visto que todo o primogênito da terra pertence ao Senhor. Em vez de sacrifícios humanos, uma vez mais Deus aceitou um substituto, desta vez um levita em lugar de cada primogênito de sexo masculino em Israel.

No período monárquico, apoiado pelo sacerdote e profeta Samuel, mesmo não sendo do seu agrado (1Sm 8.4-9), Saul (1Sm 9.1-2; 10.1) ascendeu ao poder como primeiro rei de Israel. Após a morte de Saul, Davi, também com o apoio de Samuel, foi coroado rei em seu lugar (1Sm 16.1, 12-13; 2Sm 2.4).

Nas Sagradas Escrituras, precisamente nos assim chamados livros históricos, os reis de Israel, porém, não eram sacerdotes. Eles eram chefes de culto, os responsáveis da religião do estado e como tal se ocupavam de tudo aquilo que era inerente a este assunto. Exemplificando, o rei Davi projeta o Templo e erige o seu altar. Em alguns momentos, o rei de Israel é apresentado enquanto realiza algumas ações sacerdotais, como a oferta dos sacrifícios, a dedicação ao Templo, a liturgia das festas solenes (1Sm 13.9-10; 2Sm 6.13, 17-18; 24.25; 1Rs 3.4,15; 8.5, 62-64; 9.25). Tais consagrações mostravam a relação privilegiada do rei com Deus, que fazia o rei responsável do culto, mas que não pode ser confundida com a “consagração sacerdotal”. Mesmo se, em ocasiões especiais, o rei presidia as funções, isso não quer dizer que ele exercia a função sacerdotal. A função era dada a um sacerdote (2Rs 16.15).

Através do Salmo 110 das Sagradas Escrituras, o rei Davi profetizou que o Messias seria “sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque”. O autor de Hebreus nas Sagradas Escrituras, cita esta profecia e relata o seu significado em relação à superioridade de Jesus Cristo, onde Ele é o rei da justiça, o rei de paz, sem início e sem fim, eterno, não pertence à tribo de Levi, que com a oferta perfeita de si mesmo realiza a completa expiação dos pecados e a salvação.

2. SALMO DE ASAFE

2.1 ASAFE

Juntamente com Hemã e Etã ², foi nomeado pelo rei Davi como responsável pelos cânticos na casa do Senhor (1Cr 6.31-40; 25.1-31). Era levita, filho de Berequias, descendente de Gérson, filho de Levi, e nomeado como líder de música quando a Arca foi levada para Jerusalém e em várias outras ocasiões, quando havia festas nacionais (1Cr 15.17-19; 16.5, 7, 37; 2Cr 35.15). O rei Davi o tornou líder da adoração cantada em coral (1Cr 16.4-5). Ele liderou os louvores, juntamente com outros levitas, quando o Templo foi consagrado pelo rei Salomão (2Cr 5.12). Sua influência musical estendeu-se muito além do serviço do Templo. Seu nome é encontrado no título de doze salmos, para indicar que provavelmente são partes de uma cantata, composta por ele ou para ele (Sl 50; 73 a 83). Esses salmos figuravam entre os cânticos durante o avivamento nos tempos do rei Ezequias (2Cr 29.30). Na época do retorno do exílio babilônico, os cantores do Templo eram referidos apenas como “filhos de Asafe” (Ed 2.41; Ne 7.44; 11.17).

2.2 SALMO 73

A numeração dos salmos no texto hebraico difere da utilizada na versão grega (LXX) e latina (Vulgata). Essa diferença se deve ao fato de que alguns salmos foram divididos, e outros foram unidos. O Salmo 73 no texto hebraico equivale ao Salmo 72 na versão Septuaginta e Vulgata.

2.2.1 Autoria

Este é o segundo salmo atribuído a Asafe e o primeiro dos doze consecutivos que levam o seu nome. Alguns escritores não têm certeza de que Asafe o tenha escrito; tendem a crer que Davi seja o autor e Asafe a pessoa a quem foi dedicado para que pudesse cantar quando se tornou o líder de música. Mas, alguns fatos

² Etã: também chamado Jedutum (1Cr 25.1,3,6; Sl 39).

levam a crer que Asafe seja o autor do salmo. Davi e Asafe são mencionados como distintos dos “dirigentes cantores” (Ne 12.46). Ezequias ordenou aos levitas que louvassem “com as palavras de Davi e de Asafe, o vidente” (2Cr 29.30).

2.2.2 Estrutura

Como define Kidner ³, este salmo é a busca amarga e desesperadora, que agora recebeu uma recompensa acima de toda a expectativa. Relembra o tipo de pergunta que perturbava Jó e Jeremias (Jó 21.1-34; Jr 12.1), e o salmista tem uma confissão e uma descoberta suprema para repartir.

O salmista trata de uma questão que o aflige: por que os ímpios prosperam, aparentemente sem a ação de Deus? Por que os de coração puro são afligidos? No entanto, numa perspectiva mais ampla e profunda da vida, se depara com o vazio e a futilidade da vida glamorosa dos ímpios.

Este salmo lembra também os Salmos 37 e 49. Ele mostra a própria presença de Deus. Asafe, o homem que nos dias do rei Davi foi destacado como líder da música do Templo, parece ter sido um homem com certa distinção nos seus dias. Definir que nos dias do rei Davi, não havia problemas de tal natureza, significa interpretar mal a vida humana e a natureza humana, diz Leupold ⁴.

2.2.3 Análise Estrutural

O salmo 73 inicia e termina com o adjetivo “bom” ⁵ – Deus é bom (versículos 1 e 28), dando assim coesão ao salmo.

A composição do salmo pode ser distribuída da seguinte forma: Introdução (versículo 1); vida feliz dos ímpios, dominam “eles” dentro da visão do “eu” (versículos 2-12); vida infeliz do salmista, domina o “eu” (versículos 13-16); destino

³ KIDNER, Derek. **Salmos 73-50, Introdução e Comentário aos Livros III a V dos Salmos**. Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006. p. 289.

⁴ LEUPOLD, H.C. **Exposition of The Psalms**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1961. p. 522-523.

⁵ BOWLING, Andrew. טוב In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. HARRIS, R. Laird. (Ed.); ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Trad.: Márcio L. Redondo. Luiz A. T. Sayão. Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo, 2005. p. 566. *tôb*: bom, bondade - adjetivos. A “bondade” de Deus tem algo a ver com a benignidade ou a atitude da graça.

infeliz dos ímpios, Deus na segunda pessoa determinando o destino “deles” (versículos 17-22); destino feliz do salmista, união de Deus com o “eu” (versículos 23-26); conclusão (versículos 27-28).

2.2.3.1 Introdução

O salmista inicia reconhecendo que “Deus ⁶ é bom para com Israel, para com os de coração limpo”. Ele entende e não tem dúvidas da bondade de Deus, mesmo que ao longo do salmo passe por crise pessoal. Uma primeira leitura poderia levar a um problema de retribuição, causa e efeito, onde aqueles que se esforçam para viver uma vida piedosa semeiam a pureza do coração e da vida. Há passagens bíblicas que esclarecem este aspecto, o “coração limpo” não procede do homem, mas de Deus (Sl 51.10; Ez 11.19; 36.26; Rm 2.28-29).

2.2.3.2 Vida feliz dos ímpios

Dos versículos 2 ao 12, dominam “eles” mas dentro da visão do “eu”.

A palavra por “quanto a mim”, “porém eu”,⁷ não só ocorre nos versículos 2 e 28, mas também nos versículos 22 e 23.

Faltou pouco para o salmista “perder-se no caminho” ou “pouco faltou para que se desviassem os seus passos”. Identifica o que ele chamou de “desvio”, os motivos que despertaram nele a inveja ao ver a “prosperidade dos perversos”⁸. A saúde dos perversos⁹ e sua aparente liberdade de aflições e preocupações os levaram à soberba, o que levou o salmista à tentação de querer invejá-los.

⁶ SCOTT, Jack B. אֱלֹהִים In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 72. *Elohim*: A terminação plural é normalmente descrita como um plural de majestade, não tendo a intenção de ser um plural comum quando usado para se referir a Deus. Isto pode ser visto no fato de que o nome *Elohim* é coerentemente usado com o verso no singular, bem como com adjetivos e pronomes também no singular.

⁷ וְאֵנִי - *va'ani*

⁸ A expressão שְׁלוֹם רְשָׁעִים (*shelôm reshaîm* – prosperidade dos perversos/arrogantes) na versão grega é traduzida por ἀνομίας εἰρήνην (*anomois irenen* – paz/tranquilidade ímpia/ilegal).

⁹ LIVINGSTON, G. Herbert. רָשָׁע In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 1458. *rasha*: perverso, criminoso.

A palavra “*shalôm*” leva a olhar para a bênção sacerdotal (Nm 6.22-27). Asafe desta forma estava abençoando os perversos, não necessariamente os seus atos, mas as pessoas, e ao mesmo tempo a sua natureza humana desejava essa “*shalôm*”. Algumas versões bíblicas traduzem “*shalôm*” por “prosperidade”, outras omitem o termo, mas expressa o todo, outras traduzem por “boa sorte” e “quão bem”.

A palavra “*shalôm*” na versão grega é traduzida por εἰρήνη (*eirene*), que é traduzida por paz, tranqüilidade, expressão que Jesus usa quando chora por Jerusalém:

Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à “εἰρήνην”! Mas isto está agora oculto ao teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconhecestes a oportunidade da tua visitação (Lc 19.42-44).

Livingston ¹⁰ define a palavra “*rasha*”:

Perverso, criminoso. É empregado em paralelo com quase todas as palavras hebraicas designativas de pecado, mal e iniquidade. [...] A palavra tem também função adjetiva para designar em termos concretos as ações e a conduta de um determinado tipo de pessoa. [...] Pessoas ímpias ou perversas eram culpadas da violação dos direitos sociais de outros, pois foram violentas, opressoras, avarentas, envolvidas em tramar contra os pobres e apanhá-los em armadilhas, e com grande disposição de até mesmo assassinar a fim de atingir seus objetivos. Em suma, ameaçam a comunidade. Eram desonestas nos negócios e nos tribunais. [...] Expressão semanticamente paralela inclui “arrogante”, SI 73.3. (LIVINGSTON, 2005, p. 1458-1459)

A imagem abstrata: “... a soberba que os cinge como um colar, e a violência que os envolve como manto”, como que uma peça de vestir ou de ornamento. A violência é usada como uma posição estratégica para quem quer dominar uma situação. O orgulho foi exibido abertamente.

A indiferença dos arrogantes e perversos é externada: “Os olhos saltam-lhes da gordura; do coração brotam-lhes fantasias”. Zombam e falam maliciosamente; da opressão falam com altivez. Compaixão não existia e a opressão era a via de regra.

¹⁰ LIVINGSTON, G. Herbert. **רשע** In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit.

Kidner afirma:

A passagem inteira é uma obra de mestre ao retratar estes favoritos da fortuna: emblasonados, vangloriando-se; dignos de risos se não fossem tão implacáveis; sua vaidade os impulsiona a querer submeter o universo à sua valentia. (KIDNER, 2006, p.290)

Contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra. Metaforicamente, os ímpios se consideram o centro do universo, tudo querem engolir. Usam de palavras, provenientes de oradores, que sabem como fazer valer a obediência.

Assim, Leupold se expressa:

A imaginação da mente é vaidosa. Como eles olham, eles pensam, em uma atitude arrogante e orgulhosa. Suas palavras estão de acordo com o seu comportamento e aparência, falam impiamente, por um lado, exibindo sua atitude para com Deus e as coisas santas. Considerando que se estabelecem no topo e ameaçam com opressão. Eles definiram sua boca contra os céus, e eles se sentem lá, e sua língua anda pomposa sobre a terra. Sucesso arrogante, orgulhoso, soberbo, sem se referir a soberania de Deus e os direitos do homem. Na verdade um espetáculo repugnante! (LEUPOLD, 1961, p.526)

Para eles se volta o povo e bebe só amargura. Dizem: “Como saberia Deus?¹¹ Tem disto conhecimento¹² o Altíssimo?¹³ Eis que os ímpios em tranquilidade¹⁴ (referindo-se a pessoas) acumulam suas riquezas.

Estas são as palavras do salmista, não dos ímpios. A forma da frase indica um somatório. A descrição é um recurso que o salmista usa para os ímpios e não vice-versa.

¹¹ SCOTT, Jack B. אֱלֹ In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 68-69. *‘el*: forma contrata; o termo genérico para se referir a Deus.

¹² LEWIS, Jack P.; GILCHRIST, Paul R. דַּעַה In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 598. *de’â*: conhecimento, os ímpios questionam o conhecimento que Deus tem no Salmo 73.11.

¹³ CARR, G. Lloyd. עֲלִיּוֹן In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 1119. *‘elyôn*: um dos nomes divinos, em geral aparece com inicial maiúscula, “Altíssimo”. No Salmo 73.11 enfatiza satiricamente a futilidade de tentar esconder-se do *‘elyôn* onisciente.

¹⁴ HAMILTON, Victor P. שָׁלוֹ In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 1566. *shalev*. Emprega-se o vocábulo para também destacar a prosperidade dos ímpios (Sl 73.12).

Eles tentam assumir o lugar de Deus na economia da realidade. Para estes, Deus não conta, é relegado ao esquecimento. Na lógica do injusto, Deus não se intromete nas questões do mundo. Ela se estrutura num círculo contínuo, que parte do ter o poder, do poder à opressão para explorar, da exploração ao ter.

Conforme Leupold:

Deus pode ter sido ignorado por eles, mas Ele não é totalmente esquecido e, por conseguinte, uma vez que eles com o tempo refletem sobre o fato de que Ele não interferiu com a bem sucedida carreira, que expressam os seus sentimentos em palavras: "Como Deus pode saber? " Eles simplesmente não acreditam que Ele é Onisciente do que acontece aqui na terra. Então, eles são cegos. Ou, para expressar um pouco mais sarcasticamente dizem: "Há conhecimento no Altíssimo?"

O escritor observa as coisas com cuidado: "Olhai, tais são os ímpios." Temos de admitir que ele forneceu-nos uma descrição bastante reveladora dessa classe. Em seguida, ele acrescenta outro resumo, talvez a única que atinge o olho das multidões mais do que qualquer outra coisa: "Viver sempre à vontade, eles acumulam uma fortuna." Podemos facilmente compreender como o contato com essas pessoas e a sua prosperidade aparentemente invencível poderia ter despertado alguma inveja no coração deste devoto salmista. (LEUPOLD, 1961, p.526-527)

2.2.3.3 Vida infeliz do salmista

Dos versículos 13 aos 16, domina o “eu”. Há uma seqüência de paralelos antagônicos: enquanto os ímpios “não são afligidos”, os que conservam puro o coração são “afligidos e cada manhã castigados” – versículos 5 e 14; a “soberba e a violência” envolve os ímpios, os que conservam puro o coração “lavam as mãos na inocência” – versículos 6 e 13.

A partir deste momento começa o “por que disto?”, o “por que daquilo?”, que leva o salmista a declarar: “... inutilmente conservei puro o coração...”. Onde está sua prosperidade? Onde está a sua bênção? Como acreditar num Deus que, sendo bom, reserva o castigo para os de coração puro. Mas, o simples fato da formulação do pensamento chocou o salmista ao ponto de adotar uma atitude mental melhor. E ele começa a expressar e declarar, um ato público, fruto de uma decisão consciente – “Se eu pensara em falar tais palavras,...”

Das certezas, é bom falar, mas das dúvidas não se deve falar, pois há questões que o intelecto humano não pode entender, e que devem ser levados somente a Deus.

Dois verbos chamam a atenção no versículo 15. Primeiramente, o verbo “falar”¹⁵ com o sentido de expressar, declarar. O segundo, a palavra “traído”¹⁶ que está no sentido de atraiçoar, ser desleal. Na compreensão israelita, o indivíduo não podia ser chamado de filho de Deus (Dt 14.1; Êx 4.22), mas só o povo, como comunidade, eram filhos de Deus. Por isso, ao atraiçoar a comunidade, perde o indivíduo a participação neste título. Podemos dizer que o apóstolo Pedro faz a mesma relação, povo de propriedade de Deus, quando cita:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tinheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia. (1 Pedro 2.9-10)

Asafe reflete e expressa a sua incapacidade de compreender¹⁷ as coisas de Deus. Da sua impossibilidade de resolver e explicar as situações da vida. Ele por si só não compreendia, não tinha forças para entender.

Leupold descreve:

Deus tinha aparentemente não recompensado seu fiel servo, concedendo-lhe imunidade contra o mal, mas, ao que parece, tinha deixado multiplicar o sofrimento. [...] mostrando como era a aflição da alma. (LEUPOLD, 1961, p.527)

2.2.3.4 Destino infeliz dos ímpios

Deus, na segunda pessoa, determina o destino “deles” (versículos 17-22).

¹⁵ PATTERSON, R. D. סָפַר In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 1056. *sapar*: contar, relatar, pode ser empregado para ações ou pensamentos.

¹⁶ GOLDBERG, Louis. בָּגַד In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 148. *bagad*: agir traiçoeiramente, agir enganosamente, agir com infidelidade, ofender. Até mesmo o questionar a justiça do Senhor é uma atitude de traição no Salmo 73.15.

¹⁷ GILCHRIST, Paul R. יָדַע In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 597. *yada'*: usa-se para designar o conhecimento de Deus tem do homem e de seus caminhos, conhecimento este que principia antes mesmo do nascimento.

A partir deste momento pode-se perceber a reviravolta. O salmista entra ¹⁸ no Santuário de Deus ¹⁹ e percebe ²⁰ o fim deles. ²¹

O salmista, embora cercado continuamente pelos injustos, não se dobra, pois segue a Lei de Deus e medita continuamente. A partir desse momento ele passa a discernir os fatos.

Gerhard von Rad explica:

[...], as pessoas que oravam já eram orientadas no culto a que não deixassem de ater-se firmemente a Javé e colocar a sua esperança nele. [...], a alma “guarda o silêncio” diante de Deus, pois de Deus provém toda a esperança. Nem mesmo a sorte dos ímpios poderá abalá-la, pois essa sorte é fugaz e sem fundamento. [...] No caso, se alcançou uma interioridade extrema, um retiro a uma área mais elevada comunhão com Deus, que torna as pessoas que oram quase inacessíveis a qualquer agressão externa. [...] A partir daquele momento a pessoa que orava podia dizer à Javé: “Não há outro em que eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25s). [...] É a partir dessa história prévia que os Salmos 16 e 73.23ss devem ser interpretados. Eles são exegeses espirituais da fórmula antiga: “Eu sou a tua herança.” Javé a havia pronunciado primeiro e Levi tomou conhecimento dela. Temos aqui uma dessas frases sagradas, que através de gerações era incessantemente transmitida para subitamente em um devido momento fazer sair do seu interior conteúdos totalmente insuspeitos. (RAD, 2006, p. 389-392).

Um exame rápido na tradição cúltica do saltério mostra como é comum e importante o conceito da presença de Deus para o povo do Antigo Testamento. O Deus das escrituras é um Deus empaticamente presente.

¹⁸ MARTENS, Elmer A. בוא In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 155, 157. *bô'*: entrar – com referência ao homem que vem ao Santuário. Que precisa satisfazer regras específicas para entrar neste recinto Sagrado.

¹⁹ MCCOMISKEY, Thomas E. אֶל-מִקְדָּשׁ יְיָ In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 67, 68, 1320, 1325. *'el-miqdash-'el*: para o/no Santuário de Deus – O verbo *qadash* tem, no *qal*, a conotação de estado daquilo que pertence à esfera do que é Sagrado. No Antigo Testamento *miqdash* é empregado na maioria das vezes como designação do Tabernáculo e do Templo. Quando se refere ao Santuário, tem a conotação de área física dedicada à adoração a Deus. *'el*: forma contrata; o termo genérico para se referir a Deus.

²⁰ GOLDBERG, Louis. בִּין In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 172. *bîn*: A tradução mais usada em português é “entendimento” ou “percepção”. A idéia subjacente do verbo é “discernir”. O salmista percebeu o destino dos ímpios no Salmo 73.17.

²¹ HARRIS, R. Laird. אַחֲרַיִת In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 53-55. *'aharî't*: fim, conclusão, o sentido geral da raiz é “depois”, “posterior”, tendo o significado de “futuro”, “porvir”, “desenlace”, “final”. Podemos relacionar com Provérbios 24.20 das Sagradas Escrituras: “Contudo o ímpio não tem esperança futura (*'aharî't*) e a lâmpada do ímpio se apagará”.

Ao estar na presença de Deus, Ihe é mostrado que os injustos caminham para a destruição, a desintegração na morte total ²². A segurança dos ímpios, baseada no poder e na riqueza, é ilusória. Enquanto as aparências indicam uma trajetória falsamente grandiosa, na realidade estão num lugar escorregadio. As suas vidas se traduzem na expectativa e no medo de perder as suas fortunas e poder. Esse medo se transforma em terror e perecem, pois se identificam com o que possuem. A vida dos ímpios não era real, porque era uma relação quebrada com o Senhor ²³.

A partir do encontro com o Senhor, o salmista foi levado a avaliar a sua visão. A reflexão levou-o a identificar a sua situação, embrutecido, ignorante, era um irracional diante do conhecimento de Deus, e isso Ihe trouxe amargura.

Afirma Kidner: “O fim deles é literalmente: “o depois deles”, ou seja, o futuro deles que desmontará tudo quanto era a razão de viver deles”. (KIDNER, 2006, p.291).

2.2.3.5 Destino feliz do salmista

União de Deus com o “eu” (versículos 23-26). A proximidade se desdobra em três ações: tu me seguras ²⁴, tu me guias ²⁵, me recebes ²⁶. Elas formam uma espécie de êxodo libertador terminado em Deus.

Agora, em vez de se deter sobre a prosperidade dos ímpios, ele finalmente chega à presença do Senhor e entende que a maior bênção é ter Deus como seu guia e conselheiro íntimo. Independente do que possa ocorrer na sua vida, Deus é

²² PAYNE, J. Barton. סוף In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 1034. *sûp*: totalmente, chegar ao fim, cessar. O verbo é empregado para se referir ao juízo de Deus no Salmo 73.19.

²³ ALDEN, Robert L. אֲדֹנָי In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 17-18. *'Adonay*: Senhor = Deus.

²⁴ WOLF, Herbert. אחז In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 51-52. *'ahaz*: agarrar, segurar com firmeza, pegar, tomar posse. Deus em graça “me segura pela minha mão direita” como sinal de direção e favor – Salmo 73.23.

²⁵ COPPES, Leonard J. נחה In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 947-948. *nachah*: conduzir, guiar. Esta raiz indica a ação de conduzir alguém pelo caminho direito. Deus é aquele que conduz.

²⁶ KAISER, Walter C. לקח In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 793-795. *laqah*: receber, apanhar. O Salmo 73.23-25 [24-26] também contrasta os ímpios com os justos, e uma vez mais uma fé que ultrapassa os limites desta vida gira em torno da palavra *laqah*: “Tu me guias com o teu conselho, e depois me recebes [tomas] na glória” (v. 24 [25]).

Deus. Ele está centrado em Deus, transcende céu e terra, e é Deus quem define a dimensão como “para sempre”, “eterna” e “perpétua”.

2.2.3.6 Conclusão

“Os que se afastam de ti, eis que perecem; tu destróis todos os que são infiéis para contigo” – responde as questões dos versículos 18-20. *“Quanto a mim, bom é estar junto a Deus²⁷; no Senhor Deus²⁸ ponho o meu refúgio, para proclamar todos os seus feitos”* – responde as questões dos versículos 24-26.

Pode-se concluir que a fidelidade do justo consiste na confiança absoluta no SENHOR, Deus da Aliança.

²⁷ SCOTT, Jack B. אֱלֹהִים In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit., p. 72. *Elohim*: A terminação plural é normalmente descrita como um plural de majestade, não tendo a intenção de ser um plural comum quando usado para se referir a Deus. Isto pode ser visto no fato de que o nome *Elohim* é coerentemente usado com o verso no singular, bem como com adjetivos e pronomes também no singular.

²⁸ אֲדֹנָי יְהוָה – ‘Adonay (título) Y^hehovih (nome): Senhor Yahweh.

3. O REINO E A IGREJA

Será que o Reino de Deus deve, em algum sentido da palavra, ser identificado com a Igreja? Se não, qual a relação entre os dois?

Para os cristãos dos três primeiros séculos, o Reino sempre foi considerado escatológico.

Agostinho (apud LADD, 2003, p. 144) identificou o Reino de Deus com a Igreja ²⁹, uma identificação que permanece na doutrina católica, muito embora reivindique que o novo conceito católico concebe o Reino em termos de salvação histórica, a atuação redentora de Deus por intermédio da Igreja.

Qual a relação entre Jesus e Israel?

Jesus veio como judeu, para o povo judeu. Aceitou a autoridade do Antigo Testamento, adotou a prática dos rituais do templo, participou da adoração na sinagoga e durante toda a sua vida viveu como judeu. Insistiu que sua missão era alcançar as “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24). Quando enviou seus discípulos em uma missão, orientou-os para que se afastassem dos gentios, ordenando-lhes que pregassem apenas ao povo de Israel (Mt 10.5-6). Esta tomada de posição foi fundamentada no contexto histórico do pacto e das promessas feitas pelos profetas no Antigo Testamento, e reconheceu a Israel, a quem o pacto e as promessas foram dados, como os naturais “filhos do reino” (Mt 8.12; Nm 6.22-27) ³⁰.

O fato é que Israel como um todo rejeitou tanto a Jesus como a sua mensagem a respeito do Reino. Mas, Jesus continuou apelando à nação de Israel até o fim. O Evangelho Segundo Marcos descreve o conflito e a rejeição desde o início (Mc 2.20). A rejeição de Jesus e a controvérsia com as autoridades judaicas encontram-se na rejeição do Reino proclamado por Ele, e no arrependimento que tal proclamação requeria.

Outro fato, inclusive os líderes e o povo, recusou-se a aceitar a oferta do Reino feita por Jesus. Ser discípulo de Jesus era diferente de ser discípulo de um rabino judaico. Os rabinos exigiam a lealdade de seus discípulos para com a Torá, ao passo que Jesus exigiu lealdade à Sua pessoa.

²⁹ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad.: Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 144

³⁰ id., p. 145

Os profetas consideraram Israel em sua totalidade como uma nação rebelde e desobediente e, conseqüentemente, destinada a sofrer o julgamento divino. Contudo, ainda permaneceu dentro da nação infiel um remanescente de crentes fiéis, que se constituíam o objeto do cuidado de Deus.

Conforme salienta Ladd ³¹, o chamado dos doze discípulos por Jesus para compartilharem de sua missão, tem sido reconhecida como um ato simbólico, no qual se demonstra a continuidade entre seus discípulos e Israel. A atuação escatológica que lhes foi atribuída, demonstra que os doze representam Israel. Devem sentar-se nos doze tronos, “a julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28; Lc 22.30). Os doze estão destinados a exercer a função de regentes do Israel escatológico; mas já são os recebedores das bênçãos e dos poderes do Reino escatológico. Por conseguinte, representam não somente o povo escatológico de Deus e para aqueles que aceitam a oferta da salvação messiânica, onde Jesus chamou uma nova congregação para ocupar o lugar da nação que estava rejeitando sua mensagem.

A inclusão dos gentios como aqueles que recebem o Reino, é ensinada em algumas passagens. Quando a rejeição de Israel, com relação à oferta do Reino, havia se tornado irreversível, Jesus proclamou solenemente que Israel não mais se constituiria o povo segundo o bom propósito de Deus, mas que em seu lugar seria assumido por outros que dêem os seus frutos (Mt 21.42-43).

O Novo Testamento apresenta a Igreja como a comunidade do Reino, a comunidade que reconhece a Jesus como Senhor e Salvador, por meio da qual, numa antecipação do fim, o Reino se manifesta concretamente na história.

Os termos Messias e comunidade messiânica são correlatos: Jesus é o Messias e chama uma comunidade que reconhece a validade de Sua afirmação. Ele chamou pessoas a deixar para segui-lo (Lc 9.57-62; 14.25-33). Aqueles que seguiram o Seu chamado constituíram o “pequenino rebanho” ao qual o Pai deseja dar o Reino (Lc 12.32). A referência de Jesus à comunidade messiânica como “minha igreja” (Mt 16.18) se ajusta perfeitamente com um propósito de Sua missão. Ele é o Messias, em quem o reino de Deus se tornou realidade presente. A Igreja é a

³¹ id., p. 147

comunidade que surge como resultado de Seu poder Real. Sendo assim, a Igreja não deve ser equiparada com o Reino.

Como cita Ladd:

Em suma, mesmo existindo uma relação inseparável entre o Reino e a Igreja, estes não devem ser considerados idênticos. O ponto de partida do Reino vem diretamente de Deus; e o da Igreja, dos homens. O Reino significa o reinado de Deus e a esfera na qual as bênçãos de seu reinado são desfrutadas (...) O Reino cria a Igreja, opera por intermédio dela e é proclamado no mundo por ela. (LADD, 2003, p.157-158)

A Igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino. O Reino é o reinado de Deus, a Igreja é a comunhão existente entre as pessoas. A Igreja não é o Reino de Deus, mas o resultado concreto do Reino. Ela leva as marcas de sua existência histórica, do “ainda não” que caracteriza o tempo presente. Mas aqui e agora ela participa do “já” do Reino que Jesus iniciou. Mesmo que a Igreja não seja equiparada com o Reino, mas tampouco separada dele. Embora a Igreja nunca atinja a perfeição, nesta era, ela deve, no entanto, demonstrar a vida da ordem perfeita, ou seja, o Reino escatológico de Deus.

4. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

4.1 CONCEITO DE TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Nas últimas décadas do século XX, as igrejas evangélicas e igrejas chamadas históricas foram tomadas por uma teologia que acabou por apresentar outras ênfases. Uma teologia que está levando milhares de pessoas a inverterem os valores, e que são vistas pelo que têm e não pelo que são. Teologia que revela mensagens de vida plenamente abençoada em todos os sentidos.

Este movimento, mais conhecido por Teologia da Prosperidade é também conhecido por: Evangelho da Saúde e da Prosperidade, Palavra da Fé, Movimento da Fé, Confissão Positiva.

Denomina-se Teologia da Prosperidade o conjunto não sistematizado de doutrinas que ensinam que a prosperidade econômica e o êxito nos negócios materiais são evidências externas de salvação. É um ensino que se tornou comum por muitos pregadores e também em algumas igrejas, as quais estabelecem que Deus faz questão de que os cristãos sejam prósperos em tudo, mas particularmente na área financeira.

Esta corrente teológica pode ser conceituada de acordo com Campos de:

Um conjunto de crenças e afirmações surgidas nos EUA, que afirmam ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna, enriquecer, obter o favorecimento divino para a sua vida material ou simplesmente progredir. (CAMPOS, 1999, p. 363)

A Teologia da Prosperidade é o materialismo mistificado com o uso das Sagradas Escrituras. Embora, grande parte destes grupos sejam adeptos desta teologia, quase a totalidade nega pertencer a essa teologia.

Conforme Campos:

O surgimento de uma visão do mundo, que não mais se conforma em ser religião dos pobres, destinadas apenas a estimular a paciência enquanto se espera a vida no além. Surgiu ao lado do pentecostalismo analisado por Rolim, uma reformulação dessa teodicéia, cuja pregação insiste na superação das aflições e sofrimentos neste exato momento – hic et nunc. (CAMPOS, 1999, p. 363)

Salienta Ari Oro:

Os pentecostais tradicionais recriminam-lhe desde o demasiado recurso à teologia da prosperidade até uma flexibilização inusitada em relação à tradição pentecostal; os protestantes históricos criticam o caráter mágico das suas práticas; [...]. (ORO, 1999, artigo eletrônico)

4.2 HISTÓRICO DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Embora os adeptos da Teologia da Prosperidade considerem Kenneth Hagin o pai desse movimento, a história mostra que a origem da confissão positiva se deu com Essek Willian Kenyon (1867-1948). Kenyon estudou no Emerson College, em Boston/EUA, conhecido por ser um centro do chamado movimento “transcendental” ou “metafísico”, que deu origem a várias seitas de origem duvidosa. Uma das influências recebidas e reconhecidas por Kenyon nessa época foi de Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã. Pastoreou igrejas independentes em Pasadena e Seattle e foi um pioneiro do evangelismo pelo rádio, com sua “Igreja no Ar”. As transcrições gravadas de seus programas serviram de base para muitos de seus escritos. Cunhou muitas expressões populares do movimento da fé, como “O que eu confesso, eu possuo”.

Romeiro afirma:

Muitas pessoas no movimento da confissão positiva consideram Kenneth Hagin como o pai deste ensino. Paul Crouch, presidente da maior rede evangélica de TV no mundo, conhecida como Trinity Broadcasting Network (TBN), com sede na Califórnia, E.U.A., refere-se a Hagin como “papai Hagin”. Outros proeminentes pregadores do evangelho da prosperidade consideram-se de fato discípulos de Kenneth Hagin. Entretanto, quando se investiga o desenvolvimento histórico do movimento, chega-se à conclusão de que o verdadeiro pai da confissão positiva é Essek Willian Kenyon. (ROMEIRO, 1993, p. 6)

Com relação aos antecedentes de Kenyon, Pieratt descreve:

Embora não tenha freqüentado um seminário teológico, ele estudou em uma escola de nível inferior ao universitário. Quando jovem, matriculou-se no Emerson College, em Boston, o núcleo do movimento “transcendental” do final do século XIX e início do XX. As várias sociedades filosóficas que floresceram durante certo tempo naquele campus, àquela época, são hoje reunidas sob o título “seitas metafísicas”. (PIERATT, 1993, p. 26).

Com base nas crenças dos grupos metafísicos, que ensinavam que a verdadeira realidade está além do âmbito físico, a esfera do espírito não só é superior ao mundo físico, mas controla cada um dos seus aspectos. Mais ainda, a mente humana pode controlar a esfera espiritual. Portanto, o ser humano tem a

capacidade inata de controlar o mundo material por meio de sua influência sobre o espiritual, principalmente no que diz respeito à cura de enfermidades. Kenyon acreditava que essas idéias não somente eram compatíveis com o cristianismo, mas podiam aperfeiçoar a espiritualidade cristã tradicional. Mediante o uso correto da mente, o cristão poderia reivindicar os plenos benefícios da salvação.

Conforme Pieratt:

Para nossos fins, não é necessário conhecer detalhes de suas crenças, mas apenas captar a maneira como eles enxergam o mundo. [...], aqueles grupos eram conhecidos como “metafísicos”, por ensinarem que a verdadeira realidade é “meta-física”, ou seja, vai além da realidade física. Isto significa que a esfera do espírito não somente é maior do que o mundo físico, mas também controla cada aspecto dele e é a causa de todos os efeitos por ele sofridos. (PIERATT, 1993, p. 27).

Na confluência de vários movimentos religiosos que enfatizavam a cura divina, a prosperidade econômica e o poder da fé para a superação das fragilidades humanas, destacaram-se as pregações e escritos de Kenneth Hagin, que foi o grande divulgador dos ensinamentos de Kenyon, a ponto de ser considerado o pai do movimento da fé.

A Hagin está associado o Movimento da Confissão Positiva, no qual a crença de que os cristãos detêm poder de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam em voz alta. As palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, ou seja, as palavras ditas impelem Deus a agir. A Confissão Positiva se resume à não-aceitação da fragilidade humana.

Hagin terá de Oral Roberts, conhecido tele-evangelista norte-americano, o pólo de influência sobre o tema da prosperidade, em especial as promessas de retorno material e financeiro a partir das contribuições e ofertas dos fiéis.

Cita Ribeiro:

A utilização dos meios de comunicação de massa será fundamental para a propagação da Teologia da Prosperidade nos EUA. Destacam-se, além de Kenneth Hagin e de Oral Roberts, T. L. Osborn, Jimmy Swaggart, Kenneth Copeland e Benny Hym. (RIBEIRO, 2006, p. 4)

4.2.1 Teologia da Prosperidade no Brasil

A experiência eclesial do protestantismo brasileiro não favoreceu, historicamente as expressões de gratuidade próprias da espiritualidade bíblica. As comunidades possuíam e, em sua maioria ainda possuem, uma vivência religiosa marcada por artificialismos e exclusivismos.

Os anos de 1970 marcaram o início da Teologia da Prosperidade no Brasil. Alguns segmentos no campo pentecostal, movimentos e organizações interdenominacionais foram veículos de divulgação do conjunto de doutrinas sobre a prosperidade pessoal como sinal de bênção divina. Cada segmento, movimento, organização formula a seu modo as ênfases relativas à prosperidade e as doutrinas religiosas afins, direcionadas as realizações pessoais ou familiares, no progresso no campo da saúde, prosperidade material e financeira.

A Teologia da Prosperidade foi bem aceita no Brasil das últimas décadas, devido aos novos rumos sociais, políticos e econômicos nos quais nossa sociedade esta inserida. Desta forma, o ambiente influenciou a ideologia dos indivíduos, assim novos paradigmas de verdade são tidos como incontestáveis. O discurso baseado na Teologia da Prosperidade representa uma acomodação aos valores e interesses da sociedade contemporânea, alimenta a vontade de consumo como uma busca de satisfação e fortalece o comportamento individualista e liberal de costumes. E dentro deste processo, se revela a natureza humana pecaminosa que se afasta de Deus.

Afirma Ribeiro:

As práticas políticas e econômicas vistas no Brasil e na América Latina são coerentes com as políticas neoliberais estabelecidas em todo o mundo. [...] A força dominante no mundo atual é o mercado. Os países que são capazes de participar no mundo do mercado são aqueles que são aptos a produzir e consumir; caso contrário, estão fora da dinâmica econômica. Os Estados têm sido incapazes de mudar as leis de mercado ou influenciar o sistema global. A ideologia neoliberal, disseminada por intermédio da globalização da informação, faz com que os povos acreditem que o mercado ou o consumo é a solução da humanidade. Isso leva as pessoas a não priorizarem os laços de solidariedade, fazendo-as mais individualistas [...]. (RIBEIRO, 2006, p. 1)

4.2.1.1 Teologia da Prosperidade e Capitalismo

No capitalismo, um dos motivos do êxito da Teologia da Prosperidade se dá porque apresenta um Deus que não incomoda o bom funcionamento do mercado econômico, por uma imersão na sociedade em sua dimensão econômica.

Com relação às práticas mercadológicas, Ari Oro salienta que:

As controvérsias deslanchadas por esse segmento religioso resultam, sobretudo, do importante espaço reservado às práticas mágicas e financeiras, embora, de um lado, suas igrejas não se restrinjam a esses aspectos e, de outro, magia e dinheiro não constituem prerrogativas exclusivas do neopentecostalismo pois todas as religiões, “oficiais” ou “populares”, especialmente no mundo capitalista, não se desinteressam pelo dinheiro e se valem da magia, mesmo que de forma desigual segundo elas. (ORO, 1999, artigo eletrônico)

Conclui-se que é uma teologia que se adapta à atual sociedade moderna onde tudo se vende e tudo se compra, tudo se comercializa, mesmo o não racional, instalando-se assim a noção de religião paga. Aplicação de um marketing agressivo e voraz, posição estratégica para quem quer dominar uma situação.

Mas, como todo fenômeno não nasce em um vazio, até porque para a sua expansão é preciso haver certas condições específicas que permitam o desenvolvimento, isto porque a natureza humana prefere a sociedade de consumo e as tentações do mercado, optando pela religiosidade mágica e utilitária, até como arma de ascensão social.

Ribeiro afirma:

A vivência religiosa na América Latina sofreu, nas últimas décadas do século XX, mudanças substanciais. Alguns aspectos do novo perfil devem-se, entre outras vertentes, à multiplicação dos grupos orientais, à afirmação religiosa afro-brasileira, às expressões espiritualistas e mágicas [...]. Teólogos e cientistas da religião, ao analisarem especificamente o campo das igrejas e dos movimentos cristãos, indicam que há no crescimento numérico dos grupos uma incidência intensa e direta de vários elementos provenientes da matriz religiosa e cultural brasileira. Isso faz com que a vivência concreta de fé cristã adquira, por vezes, [...], o que abre possibilidade para surgimento de elementos idolátricos. [...] Neste sentido, destacam-se as “religiões de mercado”, [...] Todo esse quadro está em sintonia com as transformações sociopolíticas, econômicas e culturais em todo o mundo. (RIBEIRO, 2006, p. 1)

Trata-se de um sistema econômico em roupagem religiosa. É uma religião de resultados, uma ciência do sucesso. A visão do mundo é dualista, estando o cristão no meio da batalha, entre Deus e Satanás. O destino do ser humano está em suas mãos, basta investir em Deus e esperar dividendos.

4.2.1.2 Teologia da Prosperidade e as Técnicas de Persuasão em Massa

O marketing é uma metodologia muito usada pelos adeptos da Teologia da Prosperidade, pois procura conhecer o seu público, padronizar os seus “produtos”, transformar as pessoas em participantes do processo de “produção”, segmentar a audiência, oferecendo-lhes exatamente o que se pensa precisar e desejar naquele momento. É oferecido um deus que satisfaça os seus desejos, em detrimento do Deus Criador. O preço a ser pago é monetário, a importância da pregação está em temas como “sacrifício do dinheiro”, “ofertas de amor”, “dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida”.

Uma das ferramentas usadas para a persuasão em massa é a produção midiática, na qual fazem uso maciçamente. Quando se fala de mídia, lembranças vêm a nossa memória: pastores pregando no rádio e televisão, camisetas com slogans, shows gospel, e como caminho para muitos que estão no anonimato.

O foco desta mídia é atrair pessoas para suas crenças, competem entre si para manter e conquistar fiéis e adeptos fazem uso da mesma para estabelecerem contato com os seus próprios membros e com a sociedade em geral, uma membresia em potencial.

Há outro elemento sutil que é usado, que poderia ser definido como: “método de influência da ação humana através da manipulação psicológica”. As estratégias de persuasão usadas indicam a participação de estruturas lingüísticas. O uso destas estruturas demonstra que existem persuasão e manipulação discursiva e ideológica. São usadas técnicas da comunicação verbal e não-verbal. Usados instrumentos de nível básico mental para o fim proposto. Que visa principalmente alterar crenças para mudar comportamentos, que reenquadra e altera respostas inconscientes para obter ações conscientes dentro do objetivo fim da Teologia da Prosperidade.

Afirma Dilts:

As crenças representam uma das estruturas mais importantes do comportamento. Quando realmente acreditamos em algo, nos comportamos de maneira congruente com essa crença. [...] As crenças não se baseiam necessariamente numa estrutura lógica de idéias. [...] Os critérios e valores formam uma categoria especial de crenças, que nos dizem por que algo é importante ou valioso para nós. [...] Um dos princípios básicos da PNL é que estratégias mentais eficientes podem ser modeladas e usadas por qualquer pessoa que queira experimentá-las. (DILTS, 1993, p. 24, 27, 115, 167).

Com relação à comunicação não-verbal, Lilian L. Leite descreve:

A capacidade do corpo de se expressar de uma forma não verbal não reside na habilidade de entender ou responder a comandos verbais e

sim na capacidade de captar e transmitir movimentos inconscientes e quase imperceptíveis daqueles que o cercam, [...], toda educação – verbal e não-verbal – gera um tipo de comportamento no meio social. [...] o corpo serve como um recipiente que recebe a domesticação necessária do meio social e responde com ações. [...] O corpo é educado em diferentes culturas para persuadir. [...] A persuasão age, portanto, também na dimensão emocional do indivíduo e o desperta para a realização de algo e não o leva simplesmente a concordar fielmente com alguma coisa, pois quando a mente é de fato persuadida, o corpo responde em seu comportamento verbal e não-verbal, agindo assim com gestos, como o ato de ofertar dinheiro nos gazofilácios de uma igreja, ou demais atitudes advindas do caráter persuasivo. [...] Notamos que persuadir é levar alguém ao convencimento de alguma coisa pela ação. (LEITE, 2008, p. 28, 33)

Além de materialista, a Teologia da Prosperidade também é anti-devocional. A oração, um poderoso instrumento de intimidade com Deus foi reduzida a uma espécie de mecanismo de pressão. Ensinam “os fiéis a “determinar”, “exigir”, reivindicar” as bênçãos de Deus. Petições egocêntricas tencionam confrontar e intimidar a Deus. O termo “há poder em suas palavras”, é evocado como o substituto da oração (1 Ts 5.17). Ignoram que Jesus Cristo nos ensinou a “Oração do Pai Nosso” (Mt 6.9-13; Lc 11.1-4) como modelo. Há seis petições nesta oração: as três primeiras estão relacionadas às prioridades de Deus, as três últimas vinculam-se às nossas necessidades. Nesta oração-modelo, Jesus nos ensina que, antes de suplicar por nossas necessidades, temos que orar pelas “prioridades divinas”. A ausência de conhecimento das Sagradas Escrituras pode levar à destruição (Os 4.6).

Pieratt cita:

A verdadeira fé não fica apenas esperando para ver se Deus irá responder à oração. Ela exige seus direitos e pressupõe que eles foram respeitados por causa da força da oração feita. Porquanto, a verdadeira fé tem três características: 1) exige seus direitos; 2) exige-os em nome de Jesus; 3) nunca duvida. Quanto à primeira característica, os cristãos devem ter fé suficientemente forte para exigir aquilo que lhes é devido por meio da expiação. Hagin diz que Jesus, ao ensinar seus discípulos a orar e fazer pedidos a Deus instruiu-os a exigir aquilo que desejavam. (PIERATT, 1995, p. 72).

5. PROSPERIDADE E AS SAGRADAS ESCRITURAS

No capítulo anterior foi explanado que a Teologia da Prosperidade é um conjunto não sistematizado de doutrinas que ensinam que a prosperidade econômica e o êxito nos negócios materiais são evidências externas da salvação. O apóstolo Paulo nos alerta contra os falsos mestres e os perigos da riqueza (1 Tm 6.9-10). Esta teologia tem um entendimento equivocado da relação Reino de Deus e Igreja, e que usa de mecanismos com propósitos idolátricos.

Ribeiro afirma:

A própria lógica do sistema econômico e o seu discurso teórico interno revelam aspectos de uma religiosidade. Somados à espiritualidade explicitamente religiosa – como é o caso da Teologia da Prosperidade – formam um amálgama que cientistas, teólogos e pastoralistas identificam como idolátrico. (RIBEIRO, 2006, p. 7).

Idolatria, pecado este, consequência da desobediência no Jardim do Éden (Gn 2.17). *Da árvore [...] não comerás*: Ao impor-lhe este preceito, Deus reconhece o ser humano como responsável pelos seus atos. Ao mesmo tempo, porém, afirma a sua soberania sobre ele e o obriga a observar os seus próprios limites, reconhecendo a sua condição humana. E esta observância é dada através dos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17). [...] *porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás*: Conforme Rm 6.23 – [...] *porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*. A natureza pecaminosa do homem o leva a querer ser “deus” (Ez 28.2; Is 14.13-14), mas as consequências são trágicas (Ez 28.18-19; Is. 14.15).

Asafe, um homem servindo a Deus, foi tentado pela “prosperidade dos ímpios”, pela sua abundância e prazeres terrenos. A experiência do salmista é aquela de todos os santos em algum tempo de suas vidas. Aparentemente, essa “prosperidade” é bênção de Deus sobre o ímpio. Aparentemente, Deus os favorece. Aparentemente, a “prosperidade dos ímpios” leva as pessoas a terem uma vida “tranquila”.

No Salmo 73, como já foi visto, o termo hebraico para “prosperidade” é “*shalôm*” e a semelhança com o termo grego “*eirene*”.

“*Shalôm*” significa algo completo, saúde, bem estar. É usado quando alguém pergunta sobre alguém ou ora a favor de alguém; fala do bem estar de outrem (Gn

43.27; Êx 4.18; Jz 19.20); quando há harmonia ou concórdia (Js 9.15; 1 Rs 5.12). Pode significar prosperidade material (Sl 73.3) ou segurança física (Sl 4.8). Significa o bem estar espiritual. Essa paz se associa com retidão e a verdade, mas jamais com a impiedade ou a injustiça (Sl 85.10; Is 48.18, 22; 57.19, 21). “*Shalôm*” portanto é o resultado da atividade de Deus na Aliança, resultado da justiça (Is 32.17).

Carr³² descreve:

Shalôm, aparece em outras línguas da família semítica teve influência na ampliação da idéia grega de *eirene* de modo a incluir as idéias semíticas de crescimento e prosperidade. *Shalôm* significa “ausência de contenda” em aproximadamente 50 a 60 usos; por exemplo, 1 Reis 4.25 [5.4] reflete a segurança da nação nos dias pacíficos de Salomão, quando a terra e os países vizinhos tinham sido subjugados. Neste caso, “paz” significa muito mais do que mera ausência de guerra. Pelo contrário, o significado da raiz verbal *shalem* expressa muito melhor o verdadeiro conceito de *shalôm*. Inteira, integridade, harmonia e realização são idéias mais próximas do significado da palavra. [...] *shalôm* é o resultado da atividade divina na aliança (b e rít) e também o resultado de retidão (Is 32.17). Em quase dois terços de suas ocorrências, *shalôm* descreve o estado de plenitude e realização, que é o resultado da presença de Deus. (CARR, 2005, p. 1572-1573)

Em Cristo a paz veio ao mundo (Lc 1.79; 2.14,29). Por Ele a paz é estabelecida (Mc 5.34; Lc 7.5; Jo 20.19, 21, 26) e os seus discípulos são mensageiros da paz (Lc 10.5ss; At 10.36).

A raça humana destruída pelo pecado precisa em primeiro lugar ter paz com Deus. Essa paz só é conseguida mediante a fé na obra salvífica de Cristo (Rm 5.1; Cl 1.20). Depois vem a paz no coração (Fp 4.7). Cristo é a nossa paz (Ef 2.14).

Carr³³ descreve:

[...] Também está presente no significado de *shalôm* um forte elemento escatológico. O Messias, “o filho maior de Davi”, é especificamente identificado como o Príncipe da Paz (sar *shalôm*) – aquele que traz prosperidade e retidão à terra. Paulo (Ef 2.14) associa esses temas ao identificar Cristo como a nossa paz. Ele é o príncipe messiânico que traz inteireza, mas também a palavra definitiva de Deus – “sacrifício derradeiro” que traz redenção à humanidade. (CARR, 2005, p. 1574)

³² CARR, G. Lloyd. שלום In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. HARRIS, R. Laird. (Ed.); ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Trad.: Márcio L. Redondo. Luiz A. T. Sayão. Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo, 2005.

³³ CARR, G. Lloyd. שלום In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, op. cit.

Feinberg³⁴ descreve:

No NT, a palavra faz referência à paz que é dádiva de Cristo (Jo 14.27; 16.33; Rm 5.1; Fp 4.7). A palavra é usada muitas vezes para expressar as verdades da missão, do caráter e do evangelho de Cristo. O propósito da vinda de Cristo ao mundo era trazer paz espiritual com Deus (Lc 1.79; 2.14; 24.36; Mc 5.34; 9.50). Há um sentido em que Ele veio, não para trazer a paz, mas uma espada (Mt 10.34). Trata-se de uma referência à luta contra todas as formas de pecado. A vida de Cristo retratada nos evangelhos pode ser expressada no termo “paz” (At 10.36; Ef 6.15), inclusive a paz da reconciliação com Deus (Rm 5.1) e a paz da comunhão com Deus (Gl 5.22; Fp 4.7). As bênçãos incontáveis do cristão giram em torno do conceito de paz. O evangelho é o evangelho da paz (Ef 6.15). Cristo é a nossa paz (Ef 2.14-15). Deus Pai é o Deus da Paz (1 Ts 5.23). O privilégio inalienável de todo cristão é a paz de Deus (Fp 4.9) por causa do legado da paz deixada por Cristo na Sua morte (Jo 14.27; 16.33). Essas bênçãos não são benefícios guardados somente na glória eterna, são também uma possessão presente (Rm 8.6; Cl 3.15). Sendo assim, a paz é “um conceito distintamente peculiar ao cristianismo, o estado tranqüilo de uma alma que tem a certeza da sua salvação mediante Cristo e, portanto, nada teme da parte de Deus, e está contente com seu destino na terra, qualquer que seja” (Thayer). (FEINBERG, 2003, p. 109).

Assim como Asafe se colocou na presença de Deus, os cristãos através dos meios da graça, os recursos visíveis e comuns pelos quais Cristo transmite à sua Igreja os benefícios de Sua mediação, ou seja, de sua morte, podem entrar na presença de Deus.

Através da leitura das Sagradas Escrituras Deus fala conosco. Ele não mais se comunica com os homens como fazia no Antigo Testamento. Deus fala através de Seu Filho (Hb 1.1-4). Nas Escrituras, Ele manifesta Sua voz, capaz de despertar os mortos, outorgando-lhes vida. Deus abençoa e fortalece os cristãos com tudo que necessitam para seu viver diário.

A oração é um dos meios pelos quais o cristão cultiva um vivificante relacionamento com o Deus vivo. Envolve conversar e ter comunhão com Ele. Nesta comunhão, ele apresenta a Deus seus desejos íntimos. Na oração conversa com Deus “face a face”. Pedir a Deus as coisas boas que Ele tem prometido aos seus filhos é uma parte vital da oração (Mt 7.7, 11; Lc 11.5-13; Cl 1.9-12; Tg 1.5-6). De acordo com Filipenses 4.6-7, a oração é uma chave para que o cristão experimente

³⁴ FEINBERG, Charles C. Paz In: **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Vol. III. ELWELL, Walter A. (Ed.). Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003.

a Paz de Deus. Ela é também um meio para a rendição à vontade de Deus (Mt 26.39, 42, 44).

Na presença de Deus, através da leitura das Escrituras e pela oração, o filho de Deus se alimenta da Palavra de Deus, nela meditando.

Começa através de uma obra sobrenatural realizada pela imerecida graça de Deus no coração e na vida de uma pessoa. O Espírito Santo de Deus aplica a obra de Cristo, na cruz, aos muitos que estão espiritualmente mortos. Ele os regenera, levando-os a arrependem-se do pecado e a exercitarem a fé no Senhor Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Além de apresentar ensinamentos questionáveis sobre a fé, a oração e as prioridades da vida cristã, e de relativizar a importância das Escrituras por meio de novas revelações, a teologia da prosperidade, através dos seus escritos, apresenta outras ênfases preocupantes no seu entendimento do Reino de Deus, e do propósito da obra na cruz.

Asafe foi tentado pela prosperidade dos perversos, mas ao se colocar diante de Deus, Ele lhe abriu os olhos e lhe deu entendimento.

Mas o ato perfeito de resistência às tentações de Satanás (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13) e de obediência ao Pai (Mt 26.39, 42, 44; Mc 14.36, 39; Lc 22.42) é o próprio Senhor Jesus, Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (Hb 4.7-10).

Observou-se nesta pesquisa que a promessa de prosperidade não assume características puramente materiais. Pelo contrário, prosperidade abrange aspectos espirituais. Prosperidade é um estado de felicidade, de satisfação, que traz paz e tranquilidade.

A partir dessa realidade a Igreja Cristã tem uma nobre missão: “Indo, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19-20).

Buscou-se nesta monografia demonstrar que a verdadeira prosperidade tem como fonte a Palavra de Deus. Nós como cristãos não podemos ficar acomodados com a negligência que temos assistido com relação ao ensino da Palavra de Deus. A única forma de termos a verdadeira prosperidade, de usufruirmos desta promessa de Deus é voltando à Palavra de Deus, é deitando raízes na meditação das Sagradas Escrituras.

OBRAS CONSULTADAS

1. Biblioteca Digital da Bíblia – Libronix. SBB, 2006.
2. CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de Um Empreendimento Neopentecostal**. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.
3. CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel**. Rio de Janeiro: Mauad Editora – Instituto Mysterium, 2007.
4. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. HARRIS, R. Laird (Ed.). ARCHER, Jr Gleason L. WATTKKE, Bruce K. Trad.: Márcio L. Redondo. Luiz A. T. Sayão. Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2005.
5. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Vol. 1 e 2**. COENEM, Lothar. BROWN, Colin (orgs.). Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
6. DILTS, Robert. **Crenças: caminhos para a saúde**. Trad.: Heloisa Martins-Costa. São Paulo: Summus, 1993.
7. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã. Vol. I, II, III**. ELWELL, Walter A. (Ed.) Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003.
8. GRAHAM, Billy. **O Segredo da Felicidade**. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.
9. HAGIN, Kenneth E. **Novos Limiães da Fé**. Trad.: Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s.d.
10. HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Trad.: Gordon Chown. Rio de Janeiro: 1999.

11. KIDNER, Derek. **Salmos 73-50, Introdução e Comentário aos Livros III a V dos Salmos**. Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2006.
12. LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad.: Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.
13. LEITE, Lilian Laurência. **Religião e Marketing Pessoal: Uma Análise da Imagem Pessoal dos Bispos, Pastores, Obreiros e Obreiras da Igreja Universal do Reino de Deus**. São Bernardo do Campo: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – obtenção do grau de Mestra – Universidade Metodista de São Paulo – Orientador: Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos, 2008. Dissertação disponível: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1878
14. LEUPOLD, H.C. **Exposition of The Psalms**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1961.
15. MARIANO, Ricardo. **O debate acadêmico sobre as práticas monetárias da Igreja Universal**. Trabalho apresentado no Encontro Anual da ANPOCS, 1998 – www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar
16. ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: Dinheiro e magia**. www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2002/articulo_14.pdf
17. PIERATT, Alan B. **O Evangelho da Prosperidade**. Trad.: Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1993.
18. RAD, Gerhard Von, 1901-1971. **Teologia do Antigo Testamento**. Trad.: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.
19. RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade**. Caminhando nº 19, 2006 – Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista - www.metodista.br/ppc/caminhando/caminhando-19/caminhando-19-1/o-que-um-cristao-precisa-saber-sobre-a-teologia-da-prosperidade-1/
20. ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça: Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal**. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2005.
21. ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em Crise: Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira**. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1999.

22. ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1993. Digit. Revisado por PerolaGospel – <http://semeadoresdapalavra.queroumforum.com>
23. SOARES, R.R. **Como Tomar Posse da Bênção**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997.
24. SOARES, R.R. **Curso Fé**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.
25. SOUZA, Célio Roberto. **Confessionalidade Luterana Frente à Teologia da Prosperidade**. São Leopoldo: Colóquio Teológico Pastoral ao curso de Especialização em Teologia do Seminário Concórdia – Especialista em Teologia Pastoral – Orientador: Rev. Clóvis Gedrat – 2008.
26. VOSS, Laerte Tardeli Hellwig. **Filho do Rei ou Filho de Deus? Uma Análise Comparativa entre a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Cruz**. Canoas: Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Teologia – Universidade Luterana do Brasil - Orientador: Prof. Gérson Luís Linden, 2002/2.